

"A imaginação nos últimos 30 anos tem sido alimentada pela agenda neoliberal"

Salman Sayyid investigou a lógica do racismo na Europa contemporânea e falou ao Expresso sobre a conclusão.

Cristina Peres | 18:51 Sexta feira, 22 de fevereiro de 2013



Like 62

11

TEXTO A A

IMPRIMIR

ENVIAR

Salman Sayyid é professor do centro de estudos de etnicidade e racismo da Universidade de Leeds, no Reino Unido. O núcleo da sua investigação é a relação entre política e cultura, estudos pós coloniais e, em particular, o modo como a análise das condições pós coloniais informa e afeta os processos e as estruturas políticas e sociais "mainstream". Tudo o que é preciso para falar sobre a atualidade, o que fez ao Expresso quando passou por Lisboa para participar numa conferência internacional organizada pelo Centro de Estudos Sociais (CES).

Os seus estudos centram-se em racismo, pós colonialismo e Islão político. No contexto da União Europeia, como é que o Reino Unido, que não quis pertencer ao espaço Shengen, constrói a imagem dos muçulmanos?

O "opt-out" de Shengen e outros planos de políticas e estratégias estatais britânicas é que constrói o assunto. A categoria de muçulmano não existia

antes enquanto tal no Reino Unido até ter sido criada em 1989. Não quer dizer que as pessoas não frequentassem as mesquitas ou não professassem antes a fé islâmica, simplesmente não existia uma categoria globalizada como agora. Tal como antes dos anos 60 as mulheres não existiam. As mulheres existiam, mas a ideia de mulheres como agentes críticos com exigências específicas e uma consciência ativa não existia.

Os contornos das categorias estão hoje em dia muito esbatidos e isso dificulta o ativismo dos direitos humanos e outros tipos de intervenção. Concorda?

Não há atividade social nem agentes sociais antes da mobilização. Em vez de se assumir que há agentes sociais anteriores e fora do processo da luta política, fora da mobilização e da intervenção que os cria, é mais útil pensar que uma das primeiras tarefas de todas as ações políticas é criar o agente social. Se um grupo de pessoas faz uma determinada exigência, temos de nos empenhar nesse processo. Se continuarmos a dizer que os roma não são parceiros legítimos porque não são verdadeiros cidadãos, isso é parte do problema. O facto é que há um grupo de pessoas que os reconhece como roma e isso é significativo. Daqui a dez anos surgirão outras questões... talvez venha a ser mais importante ser vegan ou vegetariano do que católico ou protestante.

Cada país tem a sua própria narrativa, dependente da sua história. O Reino Unido terá

tendência para não atrair emigrantes para o seu território?

Dissuadir pessoas de entrarem no território de um país tem muitos fatores envolvidos. Na verdade, acho que não, que a atitude muda. Por exemplo, agora o primeiro-ministro David Cameron está de visita à Índia. Como consequência, haverá um enfraquecimento das restrições de vistos. Ao mesmo tempo, há atualmente muitas pessoas a sair da Europa para outros lugares/continentes, que são quase sempre aqueles que têm uma espécie de ligação ou filiação histórica. Estamos todos ligados pela história, mas não determinados por ela. Quando se usa uma língua para exprimir ideias, ela pode influenciar, mas não determina aquilo que se diz.

Mobilidade e proximidade

Há cada vez mais refugiados económicos. O que acha que irá acontecer na Europa?

A questão da mobilidade europeia do trabalho tornou-se exasperada e posso prever como certo que, à medida que a crise persistir, a tendência será aumentar a pressão para evitar a mobilidade. Porque toda a narrativa da crise é politicamente contestada. Veja-se o exemplo do que se passa entre a Grécia e a Alemanha. A narrativa dominante continua a ser a que diz que os alemães, trabalhadores esforçados, são obrigados a abrir mão das suas poupanças porque os gregos não trabalham. Mas o subtexto é que a prosperidade alemã está baseada em ser parte da União Europeia (UE) e em construir o seu crescimento com todos os outros países. A Alemanha foi o país que mais ganhou com ser membro da UE. Esta é só uma versão da história e deveríamos ver outras. É a partir daí que vamos perceber se a solução estará em ter mais ou menos integração europeia.

Nesta narrativa está implicada a questão da proximidade: conhecer o outro, ser familiar dele, sentir-se próximo...

A questão da proximidade transformou-se, em parte, por alterações da comunicação. O mais importante é o facto de os horizontes das pessoas serem hoje mais abrangentes. Num certo

sentido, o que acontece num lugar torna-se parte da nossa experiência, visto num sentido de abertura. E criam-se narrativas. Criou-se uma que diz que países como Portugal, Grécia, Espanha e Irlanda, partilham um determinado destino que está ligado à má gestão das economias. Estes países estão mal representados porque esta ideia faz parte da narrativa dos "trabalhadores europeus modernos" que falam dos "falhados" situados nas margens da Europa. Não se podem fazer leituras destes assuntos fora das respetivas situações políticas.

Concorda então que é fácil importar as narrativas dos outros! Como a norte-americana?

Acho que foi exatamente esse o caso. Há uma narrativa que se tornou global e a maioria das elites políticas de quase todo o mundo (e não falo só dos governos) só conhecem isso e não se atualizam, ou não querem atualizar-se sobre as transformações da sociedade. São como aqueles médicos muito maus que continuam a administrar o mesmo medicamento porque não conhecem outro. Insistem em dar aquele remédio e acreditam que, se o doente melhorar, afinal foi por causa da cura deles. Mas a transformação que está a acontecer é absolutamente extraordinária. A imaginação dos últimos 30 anos em termos gerais tem sido alimentada pela agenda neoliberal. Cada país fê-lo de maneira diferente, mas prevalece a ideia de que a privatização é boa, que a falta de eficiência pública é a causa de problemas, que os banqueiros têm sempre razão... Atualmente já se diz que alguns bancos fazem erros, mas não se reconhece que é o sistema que é problemático. Não há hoje em dia como argumentar contra o ditado que diz que o setor privado é mais eficaz sem que se defina o que é a eficácia. E no processo, vai-se sempre reduzindo o número de empregados.

Esse discurso vai prevalecer?

Quando se tiver uma geração completa de líderes treinado para pensarem assim já não haverá imaginação para sair dessa forma de pensar. Dentro de duas ou três gerações, a precariedade terá aumentado de tal maneira que vai ter de se concluir que o sistema não está a funcionar, que é mentira a ideia que diz que a geração seguinte estará sempre melhor que a anterior. Não vai ser verdade!

Está otimista relativamente a uma futura maior consciência da existência do racismo, já que ele é ainda tão seriamente negado?

Eu estou otimista porque em última análise, o racismo é um fenómeno histórico, não é universal nem permanente. Emerge num momento particular e, por isso, tem uma história circunscrita.

Alteração de paradigma

A Europa já perdeu a predominância que ainda reivindica sobre o mundo?

Sim, já aconteceu. Mas as pessoas vivem-no de maneira diferente consoante o lugar que ocupam na Europa. Talvez a Península Ibérica já tenha desistido de mais coisas e viva a situação de outra maneira. O facto de a Europa ainda se julgar centro do mundo é extraordinário na medida em que o mundo se está a tornar cada vez mais diversificado. Em última análise, trata-se de mudar os equilíbrios de poder.

Pode dar exemplos?

A disputa dos "cartoons" de Maomé na Dinamarca. Quando eles foram publicados, uma delegação de muçulmanos tentou ser recebida pelo primeiro-ministro, que se recusou a vê-los. Uns meses mais tarde, em consequência dos protestos que estoiraram por todo o Médio Oriente, nalguns países da região as exportações de produtos dinamarqueses caíram 30% a 40%. Nessa altura, o primeiro-ministro dinamarquês pediu para reunir com a referida delegação. De repente, três milhões de dinamarqueses tomaram consciência da terem mil milhões de muçulmanos a olhar para eles com desconfiança.

Esse caso faz pensar que a ideia da minoria/maioria mudou.

Claro. Talvez só haja 300 mil muçulmanos na Dinamarca, mas fazem parte de uma maioria espalhada por todo o mundo. Acho que este tipo de episódios começa a impor-se. O que aconteceu é que as massas europeias estão mais conscientes da descolonização da Europa. Simultaneamente, os dirigentes políticos continuam convencidos de que o que dizem conta. Outro exemplo aconteceu em torno da intervenção no Iraque e a subsequente guerra. Se pensarmos nas enormes manifestações contra a guerra na qual participaram milhões de pessoas, bem podemos perguntar-nos como é que a decisão foi tomada por meia dúzia de responsáveis e contra a vontade expressa por uma maioria de milhões em todo o mundo. No fundo, podemos comparar a pretensão dos políticos à pretensão de acharmos todos que as nossas mães são as melhores cozinheiras do mundo: é uma convicção que não tem validade. A narrativa multicultural na rua não pensa assim, as pessoas convivem bem. Não quer dizer que não haja fricções, mas é da elite que vêm as dificuldades.

[O português é uma língua brasileira e o inglês é uma língua americana](#)

Diz que o racismo tem picos episódicos, como atualmente a islamofobia. Acha que eles se desvanecem?

O racismo não se desvanece por si, tem de ser trabalhado. Ele está ligado a mudanças no equilíbrio de poder. E quando ocorrem mudanças, então ele desvanece-se, altera-se. Acho que isso é muito importante reconhecê-lo, não acho que seja uma coisa que acontece automaticamente.

Séculos antes dos nazis, os portugueses exterminavam os judeus...

E hoje seria impensável! Além disso, Portugal não pode ser hegemónico, tal como Espanha ou o Reino Unido não podem. Portugal tem o Brasil, o Reino Unido os Estados Unidos e Espanha todos aqueles países da América Latina. Daí que, de certa forma, a relação da metrópole com as ex-colónias seja muito mais complicada. Mas se pensarmos na língua, percebe-se logo que a maioria de falantes de português não está em Portugal, mas no Brasil. Em última análise, o português é uma língua brasileira e o inglês é uma língua americana. É interessante ver que o primeiro-ministro britânico foi agora à Índia como suplicante. Os britânicos precisam que o mercado indiano abra, precisam dos indianos mais que nunca.

[Primavera árabe](#)

Acha que o discurso ocidental sobre a primavera árabe foi feito do ponto de vista da projeção dos valores europeus?

Os media como a CNN, e outros, diziam coisas extraordinária como "isto acontece por causa dos jovens". Todas as lutas e revoluções são feitas por jovens! O que não quer dizer que as pessoas que têm outras idades não estejam envolvidas, mas são os jovens que vêm para as ruas em toda a parte do mundo. A verdade é que as manifestações eram interrompidas para as orações de sexta-feira. Se as revoltas não fossem religiosas, por que é que as orações haveriam de ser respeitadas pelos manifestantes? A primavera árabe fez uma validação e projetou os objetivos do mundo ocidental. Esta é uma questão importante para a democracia, ainda é muito difícil à imaginação europeia conceber que haja regimes ao mesmo tempo anti ocidentais e democráticos. Em termos lógicos, não há relação: pode haver eleições

23/02/13

A imaginação nos últimos 30 anos tem sido alimentada pela agenda

democráticas que geram regimes antiocidentais, mas isso é impensável para os europeus. O que quer dizer que o ponto dos europeus é validar através da democracia um tipo particular de herança europeia.